

Corpos que (re)escrevem o código: *The Matrix*, alegoria trans e as políticas de identidade¹

Adriano Mello Rodrigues²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES³

Resumo

Partindo da confirmação de *The Matrix* (1999) como uma alegoria trans, este artigo investiga como o filme articula simbolicamente a jornada de afirmação identitária. Por meio de uma análise fílmica fundamentada na teoria queer e nos estudos trans (Butler, Preciado), o trabalho demonstra que a narrativa espelha as etapas da experiência transgênero. Os resultados apontam a "Matrix" como metáfora para a cisnormatividade, a "pílula vermelha" como o ato de transicionar, e a transformação de Neo em um processo de autodeterminação. A principal contribuição é consolidar o filme como um relevante artefato cultural na luta contemporânea pelos direitos trans.

Palavra-chave: the matrix; alegoria trans; políticas de identidade; teoria queer; filme.

Introdução: da ansiedade digital à afirmação canônica da identidade

Lançado no limiar de um novo milênio, *The Matrix* (1999), das irmãs Wachowski, transcendeu seu status de sucesso de bilheteria para se estabelecer como um marco indelével na história da ficção científica e um divisor de águas na estética cinematográfica do final do século XX. O filme capturou com notável precisão a ansiedade coletiva que acompanhava a crescente onipresença da era digital, incitando profundos questionamentos filosóficos sobre a natureza da realidade. Sua trama, que se desenrola em um futuro distópico onde a humanidade desconhece viver aprisionada em uma realidade simulada, rapidamente se tornou um ponto de referência cultural para debates sobre tecnologia, controle social e a complexa questão do livre-arbítrio. Esta camada interpretativa inicial, focada na distopia tecnológica, dominou a recepção crítica e popular por mais de uma década.

Contudo, nas décadas subsequentes, uma nova e potente camada de significado emergiu com força, impulsionada por dois fatores convergentes: as transições de gênero das próprias cineastas e uma crescente sensibilidade acadêmica e social para com as

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. E-mail: rodrigues.adriano.rj@gmail.com.

³ Bolsista de doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

questões de identidade. A leitura de *The Matrix* como uma complexa e sofisticada alegoria da experiência transgênero, que antes era um discurso restrito a fóruns de fãs na internet e análises acadêmicas incipientes, começou a ganhar tração até atingir um status canônico. O ponto de inflexão ocorreu em 2020, quando a diretora Lilly Wachowski confirmou a intenção original da alegoria trans⁴, explicando que o clima da época não era propício para torná-la explícita. Esta confirmação não apenas validou décadas de interpretação por parte da comunidade trans e de teóricos queer, mas também lançou um convite formal a uma revisita crítica e aprofundada do filme.

Este artigo aceita esse convite, propondo-se a realizar uma análise sistemática do filme sob a ótica dos estudos trans e da teoria queer. O argumento central é que a arquitetura narrativa da obra, sua rica simbologia e seus discursos subjacentes articulam de modo contundente e preciso as vicissitudes da descoberta, transição e afirmação da identidade trans. Para tanto, demonstra-se como a premissa do filme metaforiza a cisnormatividade, o dilema da "pílula vermelha" espelha a decisão da transição e a jornada de Neo representa o processo de desconstrução de uma identidade imposta em favor de um eu autodeterminado.

Ao final, esta análise será conectada ao cenário político contemporâneo, no qual a luta pela autodeterminação trans enfrenta novas e virulentas formas de oposição, posicionando a obra não apenas como um marco do cinema, mas como um influente e ainda relevante artefato cultural na contínua luta pela autodefinição em um mundo normativo.

Procedimentos metodológicos

A metodologia adotada para esta investigação é a análise fílmica de inspiração qualitativa e teórica, tendo o filme como objeto principal. A análise não se detém em uma dimensão puramente formalista da linguagem cinematográfica, mas se concentra na interpretação da diegese — a construção do mundo narrativo, seus discursos e sua simbologia — a partir do referencial teórico dos estudos queer e trans.

O procedimento analítico foi desenvolvido em duas etapas interligadas: primeiramente, realizou-se um mapeamento e uma seleção deliberada de elementos-chave da narrativa fílmica que se mostraram particularmente produtivos para a

⁴ Lilly Wachowski confirmou que a alegoria trans era a "intenção original" da obra. Cf. DESTA, Yohana. *The Matrix Was a Trans Allegory, Confirms Lilly Wachowski*. Vanity Fair, 5 ago. 2020. Disponível em: <https://www.vanityfair.com/hollywood/2020/08/the-matrix-trans-allegory-lilly-wachowski>. Acesso em: 1 jun. 2025.

interpretação alegórica. As unidades de análise incluíram: a estrutura narrativa da jornada do protagonista (de Thomas Anderson a Neo); os símbolos centrais (a "Matrix" como sistema normativo, a "pílula vermelha" como rito de passagem); os arcos de personagens que personificam forças sociais (os Agentes como normalizadores); e diálogos emblemáticos que encapsulam conceitos relevantes (como "algo de errado com o mundo" e a "imagem residual de si mesmo").

Em um segundo momento, os elementos selecionados foram sistematicamente interpretados e articulados com os conceitos teóricos fundamentais. A "Matrix" foi analisada como análoga à estrutura da cisnormatividade; a escolha da pílula e o despertar de Neo, como metáforas do processo de transição e da disforia; e a trajetória de Neo, como uma ilustração da performatividade de gênero e da importância da autonegação.

Dessa forma, a metodologia busca transcender a simples afirmação da existência de uma alegoria para demonstrar, por meio de uma análise fundamentada, como a arquitetura simbólica e narrativa do filme constrói e sustenta tal leitura no contexto das políticas de identidade contemporâneas.

A matriz cisnormativa: o “deserto do real” e a disforia do código

No núcleo conceitual de *The Matrix* reside a premissa de que o mundo percebido pelos seres humanos é, na verdade, uma elaborada simulação neural interativa, uma realidade virtual projetada para manter a humanidade em um estado de passividade e controle. Esta construção distópica encontra um poderoso análogo teórico no conceito de "simulacro" de Baudrillard (1991). Para Baudrillard, a simulação substitui o real por uma "hiper-realidade", uma cópia sem original. *The Matrix* é a manifestação cinematográfica desse simulacro, um sistema que oculta a verdade do que Morpheus chama de "o deserto do real"⁵.

Esta estrutura de uma realidade fabricada, que se apresenta como única e natural, oferece uma analogia precisa e contundente para o conceito de cisnormatividade. A cisnormatividade pode ser definida como um complexo sistema social, cultural e político que impõe uma concepção de gênero estritamente binária (homem/mulher), compulsória e rigidamente atrelada ao sexo que foi designado no nascimento. Este sistema se apresenta como a única realidade biológica e social possível, a "ordem natural" das coisas. Ao fazê-

⁵ A expressão usada no filme é uma referência direta a Baudrillard (1991, p. 8), que descreve o nosso tempo como "O deserto do próprio real.". Na obra, o autor utiliza a frase para caracterizar um mundo onde os simulacros substituíram a realidade a tal ponto que o "real" só existe em vestígios, como um deserto.

lo, ele sistematicamente oculta, invalida e patologiza a vasta diversidade de identidades e expressões de gênero que existem para além de seus parâmetros restritivos. De maneira análoga à Matrix, a cisnormatividade é, portanto, uma simulação social que exige conformidade e adesão para garantir a sua própria manutenção e perpetuação.

Dentro deste sistema opressor, a experiência do indivíduo transgênero é frequentemente marcada por uma sensação de profunda incongruência e estranhamento. É um sentimento persistente de que, como Morpheus diagnostica em Neo, há "algo de errado com o mundo"⁶. Esta frase icônica, que no filme se refere à percepção subliminar da falsidade da simulação, espelha com notável acuidade a experiência da disforia de gênero: uma angústia fundamental e visceral que emerge do profundo descompasso entre o gênero atribuído socialmente e a identidade autopercebida pelo indivíduo. A disforia, neste contexto, é o "bug" no sistema, a falha na programação que sinaliza a existência de uma realidade outra.

Todo sistema de controle necessita de seus guardiões, e a Matrix, como sistema, opera ativamente para suprimir qualquer "anomalia" que ameace a sua integridade. A personificação dessa força repressora e normalizadora são os Agentes. Liderados pelo Agente Smith, eles são programas sencientes que representam as forças de vigilância e normalização social. Sua estética — ternos escuros, uma aparência deliberadamente homogênea, e uma completa ausência de individualidade — e sua funcionalidade — onipresença e a capacidade de assimilar qualquer corpo conectado ao sistema — fazem deles a encarnação perfeita da cisnormatividade vigilante.

Os Agentes patrulham, invalidam e buscam neutralizar qualquer desvio da norma binária, qualquer indivíduo que comece a questionar ou a desafiar o código imposto. Sua função primordial é afirmar que a identidade dissidente não é real, que ela é meramente um "erro" no sistema que precisa ser corrigido ou, em última instância, eliminado.

A farmacopolítica da pílula vermelha: o despertar corporal e a desconstrução do eu residual

O momento catalisador da jornada de Thomas Anderson, o ponto de virada de sua existência, é a escolha emblemática que Morpheus lhe apresenta. Ele pode tomar a pílula azul, que o manterá na ignorância confortável da simulação, ou a pílula vermelha, que o fará despertar para a verdade, por mais dolorosa que ela seja. Quando analisada no

⁶ A cena do diálogo ocorre no filme Matrix (1999) aproximadamente aos 27 minutos.

contexto de uma alegoria trans, esta escolha transcende a simples dicotomia filosófica entre ignorância e conhecimento. Ela se transforma no poderoso símbolo do início da transição de gênero. O ato de tomar a pílula vermelha representa a aceitação de uma verdade subjetiva e corporal que colide frontalmente com a norma socialmente imposta e validada pela Matrix cisnormativa. É um despertar para si mesmo que, como o filme demonstra de forma visceral, é um processo profundamente desorientador, doloroso e, por vezes, traumático.

Figura 1 - A escolha entre a pílula vermelha e a pílula azul.



Fonte: *The Matrix* (1999).

Embora a metáfora da "pílula vermelha", originária do filme, tenha sido recentemente cooptada por discursos antifeministas e masculinistas⁷, é possível ressignificá-la criticamente à luz da teoria do regime farmacopornográfico, formulada por Preciado (2018). Se no filme a pílula vermelha revela a verdade oculta por trás da simulação, no pensamento do autor, substâncias como os hormônios utilizados em processos de transição de gênero operam como tecnologias biopolíticas. Elas não são meros medicamentos, mas dispositivos que agem diretamente sobre os corpos, permitindo sua reconfiguração material e simbólica, e viabilizando a produção de novas subjetividades e identidades de gênero. Assim como a pílula em *The Matrix* provoca uma ruptura radical na percepção da realidade, os hormônios — enquanto tecnologia política e somática — também produzem fissuras no sistema normativo sexo-gênero, abrindo caminho para outras formas de habitar o corpo e o mundo.

O processo de despertar que se segue à ingestão da pílula é retratado como um evento violento e chocante. Neo acorda em um casulo biomecânico, nu, com o corpo fraco e atrofiado, conectado por uma infinidade de cabos a uma vasta estrutura opressora, sendo em seguida brutalmente desconectado e descartado pelo sistema.

⁷ O termo "Red Pill" foi cooptado por um movimento da chamada "machosfera", conhecido por seus discursos misóginos e antifeministas. Cf. JANU, Laianna. Movimento red pill expõe misoginia nas redes sociais. *DW*, 15 mar. 2023. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/movimento-red-pill-exp%C3%B5e-misoginia-e-machismo-nas-redes-sociais/a-64985973>. Acesso em: 1 jun. 2025.

Figura 2 - O despertar de Neo no casulo biomecânico.



Fonte: *The Matrix* (1999).

Este choque inicial serve como uma metáfora significativa para as dificuldades inerentes ao início de uma transição de gênero. A confrontação direta com a disforia, a necessidade de reconstruir a própria identidade a partir do zero, e a perda de um lugar previamente (ainda que desconfortável e inautêntico) definido no mundo podem ser experiências avassaladoras e profundamente desestabilizadoras.

Após o resgate, um dos maiores desafios de Neo em seu treinamento é precisamente superar o que o filme denomina sua "imagem residual de si mesmo" (*residual self-image*). Esta é a projeção mental de seu antigo eu, a persona de "Thomas Anderson" que existia dentro das regras e da lógica da Matrix. Este conceito espelha com exatidão a luta contra a internalização de uma identidade de gênero prévia, imposta socialmente e não condizente com a autopercepção. Trata-se de um "fantasma" normativo, uma construção social introjetada que precisa ser ativamente desconstruída para que a verdadeira identidade possa emergir, se consolidar e florescer. É a batalha para deixar para trás a performance que o sistema escreveu e começar a viver a identidade que se sente como autêntica.

Performatividade, automeação e a constituição do “eu” (pós)humano

A jornada de Neo para se tornar "O Escolhido" é, em sua essência, uma trajetória marcada por uma série de atos performativos de autodeterminação. Esses atos encontram um profundo eco nas teorias de gênero e identidade, particularmente nos campos da teoria queer e dos estudos trans. O mais fundamental desses atos é, sem dúvida, a adoção de seu novo nome. Ele abandona "Thomas Anderson", o nome que lhe foi atribuído pelo sistema (a Matrix), um nome que representa sua conformidade e sua identidade anterior, e abraça "Neo", um nome de sua própria escolha que, significativamente, quer dizer "novo" em Latim.

Este ato de autonegação é um ritual de passagem central e de imenso poder na experiência trans. É uma afirmação significativa de uma nova identidade, um rito de renascimento que é ao mesmo tempo simbólico e social. Este processo reflete diretamente a importância da "autonarrativa trans", um conceito discutido amplamente por Stone (1991). Segundo a autora, a capacidade de contar a própria história e de definir a si mesmo constitui um ato político fundamental de resistência contra as narrativas médicas e sociais que, historicamente, patologizaram, silenciaram ou falaram pelas pessoas trans.

A trajetória de Neo pode servir como uma ilustração da teoria da performatividade de gênero, desenvolvida por Judith Butler. Para a autora, o gênero não é uma essência, mas o resultado da "repetição citacional" de atos e normas que constroem a aparência de uma identidade estável e natural (Butler, 2003; 2019).

Sob essa ótica, a identidade de "Thomas Anderson" era uma performance imposta, um papel que o personagem desempenhava para se adequar às regras e expectativas da Matrix. Em contrapartida, a identidade de "Neo" emerge inicialmente como uma performance subversiva e hesitante, mas que se torna progressivamente mais autêntica e poderosa à medida que é construída e solidificada através de suas ações, de sua crescente crença em si mesmo e, crucialmente, do reconhecimento por parte de sua comunidade.

Figura 3 - O contraste entre as identidades de Thomas Anderson e Neo.



Fonte: The Matrix (1999).

A fluidez identitária e a reconfiguração do corpo e da subjetividade dialogam diretamente com o pensamento pós-humanista. A condição ciborguiana dos personagens, que unem o orgânico ao tecnológico (Haraway, 2019), e a tensão entre o corpo físico vulnerável e a projeção digital potente (Hayles, 1999) ecoam a experiência trans. Nesta, a identidade não se limita à materialidade biológica, mas é construída na interface entre corpo, autopercepção, tecnologia e validação comunitária.

O clímax cinematográfico representa a plena realização da agência de Neo sobre sua identidade. Sua ressurreição desencadeia a transcendência das regras sistêmicas, culminando na epifania de que a realidade é um código passível de reescrita. A

manipulação ativa desse código, ao parar balas e derrotar os Agentes, funciona como a metáfora final para o poder de não apenas resistir a um sistema normativo, mas de redefinir ativamente os "códigos" sociais e corporais que constituem o eu.

Políticas de identidade: da comunidade dissidente às guerras culturais contemporâneas

A jornada em *The Matrix* não é apenas de autolibertação individual, mas uma narrativa sobre a centralidade da comunidade na luta contra a opressão sistêmica. Fora da simulação, Neo encontra refúgio e apoio na tripulação da *Nabucodonosor*, um grupo diverso e marginalizado que opera nas brechas do sistema e funciona como uma "família escolhida". Este é um conceito de vital importância na experiência de muitas pessoas LGBTQIA+, que frequentemente encontram acolhimento, reconhecimento e validação fora de suas famílias biológicas ou de origem, que por vezes as rejeitam.

A tripulação da nave representa um microcosmo de resistência, um espaço de afinidade e conhecimento compartilhado que é essencial para a sobrevivência e o florescimento de identidades dissidentes. Esta dinâmica está em plena consonância com as ideias de teóricos como Halberstam (2018) sobre a formação de comunidades queer, que se baseiam na solidariedade, na variabilidade de gênero e na resistência conjunta às normas dominantes.

A relevância contemporânea desta alegoria torna-se ainda mais contundente e urgente quando a contrastamos com o cenário político atual, que é marcado por um recrudescimento global da retórica anti-trans. Figuras públicas de enorme influência, como a autora J.K. Rowling, e líderes políticos de extrema-direita, como o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, tornaram-se vozes proeminentes no que pode ser descrito como uma tentativa deliberada de reforçar as paredes da *Matrix* cisnormativa.

Discursos como os de J.K. Rowling⁸, que insistem na primazia do 'sexo biológico', e políticas concretas como as da administração Trump, que revertem proteções legais para pessoas trans⁹, atuam como forças repressoras que buscam invalidar identidades dissidentes e reforçar um código binário excludente.

⁸ Cf. ROMANO, Aja. Is J.K. Rowling transphobic? Let's let her speak for herself. *Vox*, 3 mar. 2023. Disponível em: <https://www.vox.com/culture/23622610/jk-rowling-transphobic-statements-timeline-history-controversy>. Acesso em: 1 jun. 2025.

⁹ Cf. Trump aprova decreto que abre portas para expulsão de soldados trans no Exército dos EUA. *G1*, 28 jan. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/01/28/trump-aprova-decreto-que-abre-portas-para-expulsao-de-soldados-trans-no-exercito-dos-eua.ghtml>. Acesso em: 3 jun. 2025.

Esses discursos e ações do mundo real são a manifestação contemporânea das forças repressoras que os Agentes simbolizam no filme. Eles buscam patrulhar ostensivamente as fronteiras do gênero, punir a não conformidade e reafirmar um código social rígido, binário e inflexível. Neste contexto adverso e hostil, a mensagem de *The Matrix* se consolida como uma resistência simbólica articulada contra os dispositivos de normatização. A já mencionada confirmação de Lilly Wachowski de que o filme é, de fato, uma alegoria trans, pode ser compreendida como um gesto estratégico de reapropriação discursiva. Essa intervenção não apenas ressignifica a obra, mas também consolida seu lugar como um marco cultural que, intencionalmente ou não em sua recepção inicial, sempre esteve do lado daqueles que lutam para reescrever seu próprio código contra um sistema que lhes nega a própria existência.

Conclusão: o legado de um código aberto e em constante reescrita

A análise demonstrou que, sob a ótica queer e trans, *The Matrix* se revela uma alegoria complexa da jornada transgênero. A transformação de Thomas Anderson em Neo mapeia simbolicamente suas etapas fundamentais: da disforia em um mundo normativo (a Matrix) à decisão de transicionar (a pílula vermelha), da desconstrução de uma identidade imposta ("imagem residual de si") à afirmação de um eu autêntico através da agência para reescrever a própria realidade.

Dessa forma, a obra seminal das irmãs Wachowski não apenas ganha novas e profundas camadas de significado com esta leitura, mas também se reafirma como um potente artefato cultural que dialoga diretamente com as mais urgentes políticas contemporâneas do corpo e da identidade. Numa era em que as existências trans são publicamente questionadas, sistematicamente patologizadas e virulentamente atacadas por forças políticas e midiáticas reacionárias, a história de Neo e sua luta contra um sistema que insiste em negar a sua verdade ressoa como um hino de resistência, validação e empoderamento.

O legado de *The Matrix* é, portanto, o de um código aberto. Trata-se de uma narrativa que continua a ser decifrada, reinterpretada e ressignificada, oferecendo um vocabulário simbólico denso e mobilizador para a luta contínua pela autodeterminação. Mais de duas décadas após seu lançamento, o filme se consolida não como uma relíquia de ansiedades tecnológicas passadas, mas como uma celebração atemporal da resistência. Sua mensagem final é, em última análise, a celebração de inúmeros "corpos que (re)escrevem o código", desafiando as estruturas de poder, forjando comunidades de

apoio mútuo e afirmando a legitimidade radical de suas próprias e inalienáveis existências.

Referências

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BUTLER, J. **Corpos que importam**: os limites discursivos do "sexo". São Paulo: n-1 edições, 2019.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DESTA, Y. The Matrix Was a Trans Allegory, Confirms Lilly Wachowski. **Vanity Fair**, 5 ago. 2020. Disponível em: <https://www.vanityfair.com/hollywood/2020/08/the-matrix-trans-allegory-lilly-wachowski>. Acesso em: 1 jun. 2025.

HALBERSTAM, J. **Trans***: a quick and quirky account of gender variability. Oakland: University of California Press, 2018.

HARAWAY, D. **Manifiesto cyborg**: ciencia, tecnología y feminismo socialista a finales del siglo XX. Traducción: Manuel Talens. [S. l.]: Titivillus, 2019. E-book.

HAYLES, N. K. **How we became posthuman**: virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

JANU, Laianna. Movimento red pill expõe misoginia nas redes sociais. **DW**, 15 mar. 2023. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/movimento-red-pill-exp%C3%B5e-misoginia-e-machismo-nas-redes-sociais/a-64985973>. Acesso em: 1 jun. 2025.

PRECIADO, P. B. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROMANO, Aja. Is J.K. Rowling transphobic? Let's let her speak for herself. **Vox**, 3 mar. 2023. Disponível em: <https://www.vox.com/culture/23622610/jk-rowling-transphobic-statements-timeline-history-controversy>. Acesso em: 1 jun. 2025.

STONE, S. The "empire" strikes back: a posttranssexual manifesto. In: EPSTEIN, J.; STRAUB, K. (org.). **Body guards**: the cultural politics of gender ambiguity. New York: Routledge, 1991.

THE MATRIX. Direção: Lana Wachowski, Lilly Wachowski. Produção: Joel Silver. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 1999. (136 min).

TRUMP aprova decreto que abre portas para expulsão de soldados trans no Exército dos EUA. **G1**, 28 jan. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/01/28/trump-aprova-decreto-que-abre-portas-para-expulsao-de-soldados-trans-no-exercito-dos-eua.ghtml>. Acesso em: 3 jun. 2025.